

O PROJETO DIDÁTICO DO JORNAL ESCOLAR NO ENSINO CRÍTICO DE LINGUAGEM

Tânia Maria Barroso RUIZ

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Resumo: O artigo analisa a construção do projeto didático para a produção de um Jornal Escolar (JE) nas aulas de Língua Portuguesa. O estudo de caso foi realizado através de uma pesquisa participante, com os alunos do 8º ano Ensino Fundamental e a professora de Língua Portuguesa, em uma escola pública municipal de Florianópolis, SC. O objetivo foi compreender como a prática social de produção do projeto do JE nas aulas de Língua Portuguesa pode vir a se constituir numa metodologia de ensino crítico de linguagem. A base teórica é a Análise Crítica de Gêneros (MEURER, 2002; BHATIA, 2004; MOTTA-ROTH, 2008; BONINI, 2010; 2013). Os resultados apontam que o JE tem se mostrado uma ferramenta de ensino de linguagem enquanto prática social que promove o uso da língua em situações reais de interação social e provoca a participação social e crítica dos alunos frente aos problemas de contexto escolar e de suas vivências sociais e culturais.

Palavras-chave: Ensino crítico de linguagem. Jornal escolar. Projetos didáticos. Análise crítica de gêneros discursivos.

NEWSPAPER DESIGN SCHOOL IN THE CRITICAL LANGUAGE TEACHING

Abstract: The paper analyzes the construction of the project School Media Newspapers (JE) in the portuguese language class. The case performed by a work project developed through a participatory research, with 8th grade students of the Elementary School and Portuguese language teacher, in a municipal school of Florianópolis, SC. The paper analyzes the construction of the School Media Newspapers. The theoretical and methodological basis is the Critical Analysis of Genres (MEURER, 2002; BHATIA, 2004; MOTTA-ROTH, 2008 and BONINI, 2010; 2013). The results show that JE has proved a teaching tool of language as a social practice that promotes the use of language in real situations of social interaction and causes social and critical participation of students with the problems of the school context and their experiences social and cultural.

Key words: Critical teaching of language. School newspaper. Didatic Projects. Critical analysis of discursive genres.

EL PROYECTO DIDÁCTICO DEL DIARIO ESCOLAR EN LA ENSEÑANZA CRÍTICA DEL LENGUAJE

Resumen: El artículo analiza la construcción del proyecto didáctico para la producción de un Diario Escolar (DE) en las clases de Lengua Portuguesa. El estudio de caso fue realizado a través de una investigación participativa con los alumnos del 8º grado de la Enseñanza Fundamental y con la profesora de Lengua Portuguesa, en una escuela pública y municipal de Florianópolis, SC. El objetivo fue comprender cómo la práctica social de la producción del proyecto del DE, en las aulas de Lengua Portuguesa, puede constituirse en una metodología de enseñanza crítica del lenguaje. La base teórica es el Análisis Crítico de Géneros (MEURER, 2002; BHATIA, 2004; MOTTA-ROTH, 2008; BONINI, 2010; 2013). Los resultados muestran que el DE resultó ser una herramienta de enseñanza del lenguaje como una práctica social que promueve el uso del idioma en situaciones reales de interacción social y provoca la participación social y crítica de los alumnos frente a los problemas del contexto escolar y de sus vivencias sociales y culturales. Palabras clave: Enseñanza crítica del lenguaje. Diario escolar. Proyectos didácticos. Análisis crítico de géneros discursivos.

INTRODUÇÃO

Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCNs (BRASIL, 1998), o ensino de língua portuguesa passou a ser pautado pelos gêneros discursivos, que têm sido objeto de estudo de pesquisadores no sentido de fornecer aos professores orientações para o trabalho com os alunos em sala de aula. Dentre os gêneros elencados no documento, elegemos para estudo os jornalísticos devido à sua relevância na sociedade hodierna. Na esfera escolar, os gêneros jornalísticos geralmente são abordados nas aulas de língua portuguesa mediante exemplos modelares constantes nos livros didáticos, o que, de certa forma, instrumentaliza o gênero, e podem reproduzir a prática da redação escolar, não se caracterizando, portanto, como uma atividade significativa de uso da linguagem. Por isso, uma das ferramentas de ensino e aprendizagem dos gêneros jornalísticos nas escolas tem sido o jornal escolar (JE) desde a experiência seminal de Freinet (1974), iniciada em 1924. No Brasil, a partir das recentes iniciativas governamentais (como o programa Mais Educação), experiências desse tipo têm ganhado vulto e assumido um papel fundamental nas escolas. Torna-se, portanto, um importante campo de propostas de atividades educativas e de reflexão acadêmica.

Nas escolas brasileiras, a prática do JE tem estado presente, mas pouco se sabe sobre como são produzidos esses jornais e qual papel desempenham no ensino de linguagem. Este artigo é um recorte da pesquisa *Análise Crítica de Gêneros Discursivos em experiências com o Jornal Escolar* (BONINI, 2013), que tem como interesse observar como os jornais se constituem enquanto mídia na escola (como mediador de gêneros discursivos e da interação pela linguagem) e como os alunos se enunciam nesses gêneros e se engajam em práticas de linguagem que possibilitem pensar a organização social e participação crítica na sociedade. A pesquisa compreendeu duas etapas: a primeira foi construir um projeto de trabalho conjunto entre alunos, pesquisadores e professora para a produção de um JE, que pode ser entendido também como projeto de ensino e aprendizagem; na segunda, é feita a análise crítica dos gêneros do JE. O artigo aborda as atividades iniciais desenvolvidas com os alunos e a professora de Língua Portuguesa da turma do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Florianópolis, SC, para a elaboração do projeto didático, a saber: a negociação da entrada em campo, as reuniões de trabalho entre os pesquisadores e a professora para a elaboração do projeto didático e planejamento das atividades referentes ao estudo do jornal, do jornalismo e da proposta do jornal escolar. O objetivo geral é compreender como a prática social de produção do projeto do jornal nas aulas de língua portuguesa, que tem como objeto o ensino dos gêneros discursivos, especificamente os jornalísticos, pode contribuir para o ensino crítico de linguagem.

A abordagem teórico-metodológica adotada é a *Análise Crítica de Gênero (ACG)*, baseada em Bonini (2013), Bhatia (2004) e Motta-Roth (2008), que combina a *Análise Crítica do Discurso (ACD)* com *Análise de Gênero (AG)*. Nessa perspectiva, partimos da análise da enunciação dos alunos centrada nas representações da realidade que aparecem nas produções escritas produzidas durante a participação nos encontros do projeto do JE. Com base na afirmação de Freire (1994a, p. 44) de que *“o ato de ler implica sempre em percepção crítica, em interpretação e em reescrita do lido”*, pretendemos compreender as concepções de leitura (inicial e final) que os alunos têm expressado a partir dos encontros para a construção da mídia jornal escolar. Para isso, retomamos a posição de Figueiredo (2008, p. 171):

[...] nossos/as alunos/as precisam ver os textos que produzem e consomem como parte dos discursos nos quais estão embutidos. Assim, um dos objetivos da leitura crítica é equipar os/as alunos/as com

ferramentas teóricas e analíticas que lhes permitam desconstruir os discursos aos quais um determinado texto pertence, o que pode ser feito através da desnaturalização, ou desfamiliarização, das noções de senso comum.

Nas seções a seguir, apresentamos a abordagem teórico-metodológica da Análise Crítica de Gêneros (ACG), as fases iniciais da elaboração do projeto do Jornal Escolar (JE) e a análise dos dados gerados, via pesquisa participante (DEMO, 2008), durante os encontros iniciais para a elaboração da mídia JE pelos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental com a mediação dos pesquisadores e da professora *R.M.P.*

1. ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNEROS DISCURSIVOS NA ESCOLA

A Análise Crítica de Gênero (ACG) é uma abordagem teórico-metodológica para o estudo dos gêneros que alia a Teoria Social Crítica à Linguística Aplicada para investigar problemas de impacto social decorrentes da linguagem usada pelos sujeitos em contextos específicos da sociedade. A ACG tem como percussor Meurer (2002) e Bathia (2004), sendo desenvolvida no contexto brasileiro acadêmico por Bonini (2013) e Motha-Roth (2008).

A ACG problematiza o que é tomado como natural ressaltando o caráter ideológico dessas posições, elegendo como temas de pesquisa situações que envolvam assimetria de poder, opressão, nas quais a linguagem tem um papel central. A eleição desse escopo constitui-se no primeiro passo metodológico de pesquisas desse tipo. Como segundo passo, a pesquisa em ACG busca demonstrar a participação do gênero na prática que se está problematizando. Nesse sentido, pode-se restringir o objeto – os gêneros – quanto às relações no plano do próprio gênero (hipergênero), da mídia, da comunidade discursiva e do sistema de gêneros (BONINI, 2010).

No viés proposto por Bonini (2013), o qual assumimos neste artigo, a Análise Crítica de Gêneros (ACG) pode ser concebida como uma aproximação entre os quadros teóricos de Bakhtin (2003[1952/53]; 2006 [1929]) e da Análise Crítica de Discurso, como a propõe Fairclough (2001[1992]; 2003). Do primeiro quadro, utilizamos o conceito de gêneros discursivos como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003[1952/53], p. 262) e o de enunciado como “a unidade real da comunicação discursiva”. Do segundo quadro,

utilizamos a perspectiva crítica e o conceito de prática social como *lócus* no qual os gêneros discursivos operam, juntamente com aspectos não semióticos, para a constituição do mundo social. Na concepção de Chouliaraki e Fairclough (1999), práticas sociais são, especificamente,

[...] maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos – materiais e simbólicos – para agirem juntas no mundo. Práticas são constituídas ao longo da vida social - nos domínios especializados da economia e da política, por exemplo, mas também no domínio da cultura, incluindo a vida cotidiana (CHOULIARAKI; FAIRCOUGH, 1999, p. 21).

A prática social, nessa perspectiva, é constituída de *discurso/semiose e de atividade material, fenômeno mental e relações sociais* (CHOULIARAKI; FAIRCOUGH, 1999). Segundo os autores, a prática social não se limita a discursos, mas “articula discurso (como linguagem) com outros elementos sociais não discursivos” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 25). A base teórica para o entendimento de que estrutura social e discurso mantêm uma relação dialética parte da Teoria da Estruturação do sociólogo Giddens (1989) e da perspectiva do Realismo Crítico. Segundo essas abordagens, há uma dualidade da estrutura social que a torna o *meio* e o *resultado* de práticas sociais. Assim, se por um lado, as estruturas influenciam os eventos sociais, estes também as constituem, e o ponto de ligação entre ambos são as práticas sociais. Nesse sentido, a estrutura é *relativamente* estável, uma vez que é dialeticamente determinada pelos eventos sociais. Considerando o gênero como um nível da articulação entre os diversos momentos envolvidos nas práticas sociais, uma análise crítica pressupõe a problematização dessa constituição genérica e, conseqüentemente, das práticas sociais.

A Análise Crítica de Gêneros parte da análise do gênero para, então, se dirigir ao discurso/semiose e às estruturas sociais, de modo que focalizaremos o gênero (como um enunciado bakhtiniano), a partir do qual é feita a análise das práticas sociais e das estruturas sociais. Para ilustrar os diferentes níveis de análise bem como sua articulação, elaboramos o esquema a seguir:

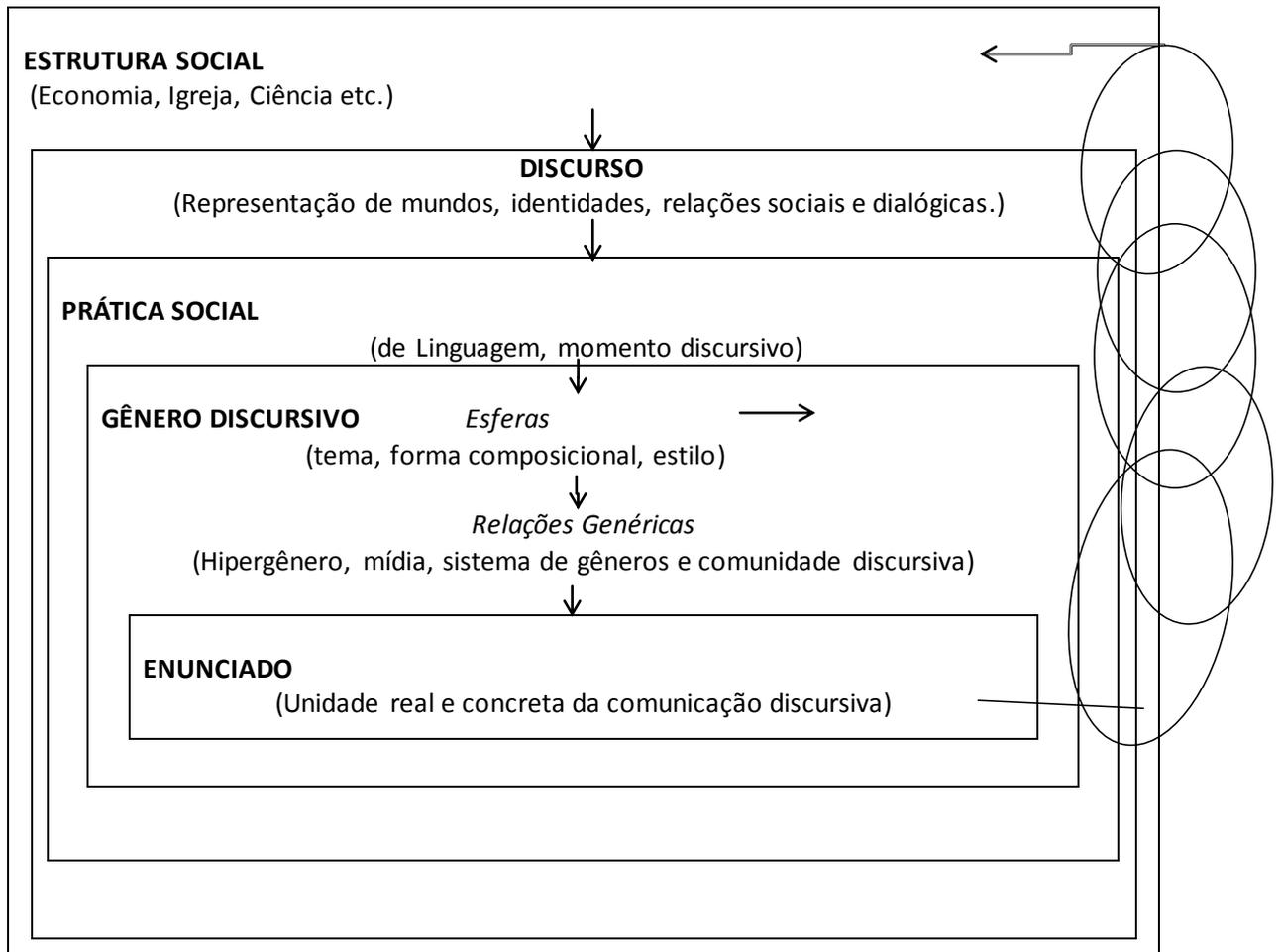


Figura 1: relações entre os elementos da estrutura social, discurso (semiose), prática social e gênero discursivo.

Fonte: Criação da autora a partir de Bonini (2011, 2013).

A metodologia focaliza o gênero discursivo (como um enunciado bakhtiniano) que está inserido em uma esfera social por meio de relações contextualizadoras, as relações genéricas. O recorte escolhido é a relação entre o gênero e a mídia jornal escolar, sendo o conceito de mídia aqui entendido como uma “forma tecnológica material de mediação da interação linguageira” (BONINI, 2011, p. 690) constituída de um ou mais suportes, com determinada característica de organização, produção e recepção. Como problema de pesquisa, tomamos o sistema de ensino e sua função ideológica de legitimação da ordem estabelecida para a manutenção da estrutura das relações de classe característica da sociedade brasileira. O papel da linguagem nessa problemática é relevante, pois a ação pedagógica pode reproduzir a cultura dominante por meio das práticas escolarizadas, “contribuindo desse modo para reproduzir as

relações de força, numa formação social onde o sistema de ensino dominante tende a assegurar-se do monopólio da violência simbólica legítima” (BOURDIEU, 2013, p. 27).

O objetivo geral deste estudo é compreender como o JE, concebido como mídia dos alunos e metodologia de ensino de linguagem, pode contribuir para as práticas de ensino críticas. A metodologia de análise dos dados gerados parte das práticas pedagógicas realizadas na produção do projeto do JE, consideradas como constitutivas das estruturas sociais (FAIRCLOUGH, 2003), e do gênero discursivo (entendido como um enunciado relativamente estável, segundo Bakhtin, 1997[1952/53]) como parte constitutiva destas práticas sociais.

2. A PROPOSTA DO JORNAL ESCOLAR NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

O projeto do jornal escolar foi elaborado conjuntamente com os alunos, a professora e pesquisadores através de uma pesquisa participante (DEMO, 2008). As primeiras ações foram entrar em contato com as escolas públicas municipais para apresentar a pesquisa e conversar com os professores de línguas. Com a adesão da professora de português, *R.M.P.*, iniciamos reuniões para estabelecermos em parceria as atividades a serem desenvolvidas nos encontros. Como na grade de horário constam quatro aulas semanais de Língua Portuguesa, sendo duas em horários contínuos de 50 min. nas terças-feiras (8h30min às 10h) e as outras em dias alternados, foram disponibilizadas pela professora as aulas de terça-feira, nos meses de novembro e dezembro para a execução do projeto.

Nas reuniões e troca de *e-mails*, elaboramos a seguinte programação das atividades:

Programação das aulas – Projeto Jornal Escolar

05/11 – 1º encontro

Apresentação dos professores e do projeto do jornal escolar. Atividades para conhecer o jornal: atividades com jornais diferentes (Diário Catarinense, Notícias do Dia, Folha de Coqueiros, Zero, Ô Catarina, Opinião Socialista, Jornal Regional, O Bom Samaritano, O Jornal Batista, Jornal Universitário). Atividades: questões sobre o jornal para trabalho em equipe. Registro escrito das respostas dos alunos.

12/11 – 2º encontro

Conversa sobre a esfera jornalística e a função social do jornal com jornalistas convidados: um com experiência profissional em grandes jornais e o outro foi a jornalista e editora do jornal do bairro Folha de Coqueiros. Os convidados expõem sua experiência como jornalistas e trocam ideias sobre a produção de jornais impressos. Atividades: os alunos em grupo elaboraram perguntas para entrevistarem os jornalistas. As repostas dos jornalistas são registradas

por escrito pelos alunos.

19/11 – 3º encontro

O processo de produção de um jornal e a Primeira Página. Exposição dialogada com Dastashow para explicar a linha editorial de três jornais diferentes, por exemplo, Opinião Socialista, Batista, Jornal Regional, Notícias do Dia, Folha de Coqueiros; o público-alvo e os elementos da primeira página. Atividades: os alunos identificarão em uma *folha avulsa* os elementos da primeira página do Jornal Regional. Em grupos, os alunos irão debater sobre a linha editorial do jornal escolar, com destaque e escolher os assuntos para a primeira edição.

26/11 – 4º encontro

Trabalho com os elementos da página principal da FOLHA DE COQUEIROS: cabeçalho (nome, local de publicação, *slogan*, *site*, elementos gráficos – cores, tipo de letras, tamanho, entre outros), manchete, chamadas, fotos e créditos. Usar o jornal impresso da Folha de Coqueiros (24 exemplares). Atividades: a escolha do nome e as seções do jornal escolar.

03/12 – 5º encontro

O interior do jornal (Folha de Coqueiros): trabalhar com os alunos o reconhecimento dos gêneros jornalísticos e as partes internas do jornal. Por exemplo: folha 2 – Editorial e expediente; folha 3 – Mural – notícias; folha 4 – Entrevista; folha 5 – Bairro; folha 6 – Geral; Folha amarela – 7, 8, 9 e 10 – Suplemento especial – notícias, propagandas e classificados; etc. Atividades: a escolha do nome e a criação da primeira página do jornal da turma.

Durante a execução das atividades nas aulas, fomos alterando os encaminhamentos propostos no planejamento inicial de acordo com as observações sobre a aprendizagem dos alunos, com as situações externas ao projeto e programadas pela escola, bem como pelo planejamento dos conteúdos de língua portuguesa da professora. Essas situações fazem parte da prática social da escola, o que vem a confirmar a importância de um planejamento flexível e o fato de que o processo de ensino e aprendizagem não poder estar restrito a propostas específicas que não considerem a realidade local.

Desde o primeiro encontro, os alunos se mostraram receptivos à ideia e foram participativos, característica dessa turma segundo a professora R.M.P. As aulas foram denominadas de “encontros” porque buscamos reconfigurar a aula de Língua Portuguesa e suas práticas cristalizadas, uma vez que concordamos com Gerladi (2010b) que defende a proposta de “aula como acontecimento” e sugere que revisemos nossa prática que concebe a aula como “um encontro ritual, e por isso com gestos e fazeres predeterminados de transmissão de conhecimentos”.

No primeiro contato com os alunos, fizemos a nossa apresentação e expusemos, de forma dialogada, a ideia central do projeto. Perguntamos quais eram os jornais que eles conheciam, e se liam jornais. Após um grande silêncio, um dos alunos respondeu que conhecia o jornal do bairro, e outro disse que, às vezes, dava uma olhada em jornais no ônibus. Em seguida, após esclarecermos as dúvidas e curiosidades dos alunos, entregamos diferentes tipos de jornais para que, em duplas, lessem os jornais e trocassem ideias, com base nas questões que foram registradas no quadro.

A partir de um diagnóstico inicial da turma, decidimos trabalhar nos próximos encontros o conhecimento da esfera jornalística, no sentido de apresentar aos alunos a prática social da profissão do jornalista. No segundo encontro, os dois jornalistas convidados fizeram uma exposição sobre a área de Comunicação Social, a função do jornalista na sociedade, e comentaram também sobre os diferentes profissionais que trabalham em jornais, entre outras questões que foram surgindo a partir das perguntas dos alunos. A atividade escrita proposta foi a de elaborarem perguntas por escrito para serem feitas aos convidados, simulando o gênero entrevista. Notamos que os alunos tiveram resistência para produzir, por escrito, as perguntas, o que não acontecia quando eram instigados a formular perguntas ou a participar oralmente.

No final de cada encontro, fazíamos uma breve reunião para rever a programação e avaliar o desenvolvimento das atividades. Nessa ocasião, fomos informados de que os alunos teriam outra atividade no dia 26/11 e que teríamos mais dois encontros para as atividades do projeto, visto que se iniciaria o período de avaliações bimestrais e finais segundo o calendário escolar. Assim, fizemos uma adaptação das atividades para término em início de dezembro. Na sequência, comentamos o 3º e o 4º encontros.

19/11 – 3º encontro

O processo de produção de um jornal e a Primeira Página. Exposição com data show. Explicar a proposta de três jornais diferentes, por exemplo, Opinião Socialista, Batista, Jornal Regional, Notícias do Dia, Folha de Coqueiros; o público-alvo e os elementos da primeira página, com destaque para a proposta de cada jornal (linha editorial).

Atividades: os alunos identificarão em uma *folha avulsa* os elementos da primeira página do Jornal.

Nesse encontro, os alunos dialogaram bastante sobre o conteúdo exposto e mostraram que estavam compreendendo o funcionamento da esfera jornalística em relação à produção do

jornal, os elementos da primeira página, das partes do jornal e do projeto gráfico. Como os alunos tinham outra atividade programada para o encontro do dia 26, fizemos ajustes para que as atividades do projeto pudessem ser finalizadas no último encontro desse ano, pois pretendíamos ter uma proposta de trabalho delineada pelos alunos para a continuidade no ano seguinte. O 4º encontro teve a seguinte proposta:

Dezembro/2013

03/12 – 4º encontro

Trabalho com os elementos da página principal da FOLHA DE COQUEIROS: cabeçalho (nome, local de publicação, *slogan*, *site*, elementos gráficos – cores, tipo de letras, tamanho, entre outros), manchete, chamadas, fotos e créditos. Usar o jornal impresso da Folha de Coqueiros (24 exemplares). **Atividades:** a escolha do nome e as seções do jornal escolar.

O último encontro do ano foi desenvolvido de forma conjunta entre pesquisadores e professora e teve como proposta uma oficina sobre os assuntos que poderiam estar no jornal e a escolha do nome deste. As atividades mostraram que os alunos foram se apropriando dos conhecimentos relativos à prática social de leitura do jornal e da esfera jornalística.

Com o encerramento do ano e dos encontros, realizamos a avaliação das atividades desenvolvidas no projeto. O interesse e entusiasmo dos alunos pelo projeto do Jornal Escolar fizeram com que a professora e os pesquisadores pudessem estabelecer junto com a direção a sua implantação como prática social da escola no próximo ano eletivo com essa turma e, posteriormente, com os outros alunos da professora nas aulas de português.

2.1 A ANÁLISE PROPRIAMENTE DITA E RESULTADOS

A esfera escolar tem tido como prática pedagógica a realização de atividades escritas após a exposição oral de conteúdos pelo professor como forma de avaliar a compreensão dos alunos; tal prática é também contemplada nos livros didáticos. No projeto do JE, a proposta foi iniciar um processo de problematização dos conhecimentos através de uma metodologia dialógica visando a uma educação e a práticas de ensino de linguagem problematizadoras (FREIRE, 1984). Nessa perspectiva, para a análise dos enunciados produzidos pelos alunos no que denominamos gênero instrucional, as “questões” da esfera escolar, partimos da concepção de leitura crítica proposta por Meurer (2000, p.159), citando van Dijk (1998):

Da perspectiva da análise crítica do discurso e da análise de gêneros textuais, os significados derivam, consciente e inconscientemente, de nossas experiências e do nosso reconhecimento de práticas discursivas e práticas sociais específicas. Desse ponto de vista, ler criticamente implica estabelecer conexões de forma a perceber que os textos constituem, reconstituem e/ou alteram práticas discursivas e práticas sociais. Significa perceber que os textos refletem, promovem, recriam ou desafiam estruturas sociais muitas vezes de desigualdade, discriminação e até abuso (van Dijk, 1998).

No 1º encontro, os alunos responderam por escrito as seguintes questões registradas no quadro:

- *O que tem no jornal? Partes, cores...*
- *Do que ele trata? Assunto.*
- *Para que público ele se dirige?*
- *Onde ele é distribuído? É gratuito?*
- *Quem faz o jornal? Quem se responsabiliza por ele?*

Figura 2: Questões sobre a esfera jornalística.

As atividades escritas foram feitas em duplas e entregues pelos alunos no final de cada encontro. O tema predominante foi que o jornal *“tem várias coisas, tem fotos, manchetes, notícias, imagens, cores”*. Alguns alunos especificaram que o jornal é composto por partes diferenciadas e os gêneros jornalísticos: notícia, reportagem, editorial e entrevista; propagandas; e comentaram a divisão do jornal em partes: serviços, entretenimento, esportes, saúde. Os alunos disseram que os assuntos tratados nos jornais são: *“coisas variadas”*; *“reportagens sobre o bairro”*; *“as notícias do dia”*; *“assuntos de política, de futebol, de cursos, cinema, novelas”*, *“assuntos religiosos”*; *“esporte, publicidade, política, cidade”*. Em relação ao público-alvo de cada jornal, os alunos começaram a demonstrar que estavam sendo coprodutores do texto, pois os sentidos produzidos não se encontravam necessariamente no texto, por exemplo: *“depende do jornal”*; *“esse jornal se dirige para todo mundo”*, *“o público referente à religião Batista”*, *“para o público de Coqueiros e outros visitantes”*, *“para os moradores do Bairro Santa Mônica”*. Isso pode vir ao encontro da necessidade de se repensar as metodologias de ensino de leitura na escola, no sentido de que, segundo Freire (1994, p. 36-37):

[...] o desafio, a curiosidade, com que a criança se faz é absolutamente fundamental ao próprio processo de leitura. O desenvolvimento e o

desafio à expressividade oral da criança, o desafio à continuidade da leitura de seu mundo, concomitantemente com a leitura da palavra, é absolutamente indispensável.

A produção do jornal, a distribuição e o seu custo foram compreendidos pelos alunos, foram respondidos com facilidade, inclusive certos grupos citaram o nome do diretor comercial e do jornalista responsável pela publicação.

A posição enunciativa partiu da posição de alunos para a de sujeitos dialogando sobre um assunto, no caso o jornal e a esfera jornalística. De certo modo, os alunos fizeram a leitura desejada pelos professores das “questões”, visto que foram propostas perguntas para serem respondidas a partir da leitura dos jornais, conforme afirma Geraldi (2010b, p.111): “a escola incentiva a formação do leitor que repete leituras do professor, que repete leituras do comentarista, que repete.” Esse resultado nos mostrou que a abordagem da produção textual escrita através da exposição oral e perguntas a serem respondidas pode reproduzir as ações padronizadas da aula e comprometer o estabelecimento do diálogo real, vivo e concreto entre a professora e os alunos. No entanto, como a proposta foi a de dialogar com os alunos, no sentido de propor a “dialogicidade como prática pedagógica – essência da educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1994b), os alunos começaram a expor sua visão de mundo sobre o assunto e pudemos perceber que não conheciam o gênero jornal.

A partir do diagnóstico da turma, decidimos trabalhar nos próximos encontros o conhecimento da esfera jornalística e do hipergênero jornal (BONINI, 2011). No segundo encontro, os dois jornalistas convidados conversaram com os alunos sobre a área de Comunicação Social e a função do jornalista na sociedade; comentaram também sobre os diferentes profissionais que trabalham em jornais, entre outras questões que foram surgindo a partir das perguntas dos alunos. A atividade proposta aos alunos foi a de entrevistarem os jornalistas (gênero entrevista) e pedimos que elaborassem algumas perguntas por escrito em duplas para serem feitas oralmente aos convidados. Os alunos resistiram para produzir, por escrito, as perguntas, o que não acontecia quando eram instigados a participar oralmente.

Na análise das perguntas e do registro das respostas dos jornalistas, constatamos que muitos alunos apresentaram dificuldade para expor suas ideias pela escrita, fato que tinha sido

expresso pela professora antes do início do projeto como um dos motivos pelos quais buscou a parceria conosco. Também notamos que os alunos realizaram leituras diversificadas da prática social do jornalismo, da função do jornalista e da produção do jornal impresso, relacionando as enunciações dos jornalistas a suas vivências pessoais. Podemos dizer que, em alguns momentos, foi feita uma leitura não crítica (MEURER, 2000, p.160), pois apenas se recuperou o conteúdo exposto pelo texto oral dos jornalistas; mas, em outras, delineia-se um processo inicial de leitura crítica, pois os alunos procuraram “compreender o texto como constituído a partir de práticas sociais específicas e, ao mesmo tempo, como constitutivo de tais práticas” (MEURER, 2000, p. 160). Transcrevemos, a seguir, algumas das perguntas formuladas pelos alunos aos jornalistas:

Como começou **sua** carreira?
Quantos anos de estudo **vocês** levam para se formar em jornalismo?
Qual a **sua** maior inspiração para trabalhar como jornalista?
Vocês desde criança quiseram ser jornalista ou foi uma curiosidade que **vocês** se interessaram de repente?
Qual a maior dificuldade que **você** teve no jornal?
Por que os jornais de televisão são mais vistos?
Qual a parte mais difícil para ser jornalista?
É muito difícil achar um emprego de jornalista? É muito difícil achar anunciantes?
O que é freelancer?
Você precisa ir para muitos lugares?
Queria saber se a faculdade de jornalismo seria muito difícil.
O que incentivou a senhora a ser jornalista?
Nós **seríamos** capazes de fazer um bom jornal?
Precisa estudar muito tempo?

Em relação às marcas linguísticas, predomina o uso do pronome de tratamento “você” que marca uma efetiva interlocução entre os alunos e os jornalistas, e temos um uso de “senhora”, indicando um tratamento respeitoso à jornalista. O tempo verbal predominante é o presente, e ocorre o uso do pretérito imperfeito com o sentido de polidez, e do futuro do pretérito como marcação de possibilidade. Nessas enunciações, nota-se o uso excessivo do substantivo “dificuldade” e do adjetivo “difícil” no projeto de dizer dos alunos e a incorporação da ideologia da dominação (FREIRE, 2005), bem como da emancipação dos sujeitos, como em: “*Nós seríamos capazes de fazer um bom jornal?*”, pelo auxílio da mediação do outro, no caso a professora e pesquisadores, estabelecendo-se uma relação de diálogo efetivo na prática pedagógica.

No terceiro encontro, os alunos mostraram que estavam compreendendo o funcionamento da esfera jornalística em relação à produção do jornal, os elementos da primeira página, das partes do jornal e do projeto gráfico. Nas atividades, dois alunos registraram como “anotações” o seguinte:

O jornal é feito por partes como trabalhar em equipe, área por área e outras etapas até chegar às bancas.

Coisas que entendi.

- 1. Jornal precisa trabalhar em equipe.*
- 2. Pesquisar bons assuntos.*
- 3. Precisa de várias partes.*

Na análise dessas atividades, um ponto a se destacar foi o aparecimento do gênero anotações de aula como registro espontâneo dos alunos, sendo uma provável leitura de mundo realizada por eles ao observarem o modo de atuação dos pesquisadores nos encontros: as anotações feitas no caderno de notas de campo. Nessa perspectiva, retomamos Freire (1994a, p. 44): “refiro-me que a leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica na continuidade da leitura daquele, [...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente”. O processo dialógico instaurado nos encontros entre os mediadores e os alunos através das atividades desencadeadas para a produção do JE provocou alterações no projeto de dizer deles, pois foram se apropriando dos conhecimentos relativos à prática social de leitura do jornal e da esfera jornalística; começaram a expressar suas opiniões sobre o jornal, a interagir e negociar suas posições nos grupos de trabalho e a expor as decisões para o grande grupo nas atividades de decisão coletiva e votação. Nessa perspectiva, descrevemos as seções que foram organizadas a partir dos assuntos que a turma propôs para fazerem parte do JE, a saber:

- | | |
|-------------------------|-----------------|
| • <i>Esportes</i> | • <i>Escola</i> |
| • <i>Moda</i> | • <i>Bairro</i> |
| • <i>Entretenimento</i> | |

Na análise da atividade de um grupo composto por quatro alunos, podemos depreender que se inicia um processo de formação de leitores críticos, no sentido que “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações

entre texto e contexto” (FREIRE, 1994a), conforme a geração dos seguintes dados sobre os assuntos do JE:

Problema da escola <i>Cardápio da escola</i> <i>Eleição de diretores</i> <i>Esportes na escola</i> <i>Melhora do parquinho</i> <i>Limpeza dos vidros da escola</i> <i>Aula de músicas</i> <i>Falta de suco</i> <i>Passeios da escola</i> <i>Gincana escolar</i>	Bairro de Coqueiros <i>Mais segurança</i> <i>Mais lixeiras nas ruas</i> <i>Consertar a lombada eletrônica</i> <i>Botar um sinal</i> <i>Quando for levar seu cachorro para passear</i> <i>levar uma sacola</i>
Esportes <i>Futebol da escola</i> <i>Vôlei da escola</i> <i>Skate</i>	Moda <i>Propagandas de lojas</i> <i>Anúncios de novidades</i>
	Gastronomia <i>Restaurantes</i> <i>Promoções</i>

Em relação à escolha do jornal, os alunos debateram em pequenos grupos os motivos para a escolha do nome em relação aos possíveis leitores na escola e propuseram os listados abaixo para a votação coletiva:

<ul style="list-style-type: none">• <i>Carva</i>• <i>De olho na escola</i>• <i>Folha do Car-va</i>	<ul style="list-style-type: none">• <i>DescolaDO</i>• <i>Jornal Teen</i>• <i>Ilha do Car- lhal</i>	<ul style="list-style-type: none">• <i>Educarvalhal</i>• <i>Almirante</i>• <i>O mirante Car- valhal</i>
--	--	---

O nome do jornal ficou a princípio o segundo, “De olho na escola”, porque, como já estávamos no final do horário das aulas e este foi o nosso último encontro desse ano, não tivemos tempo para problematizar com os alunos a importância do significado do nome do jornal escolar. De certo modo, a organização das práticas escolares mediante a divisão do tempo em aulas, disciplinas e avaliações dificultou o desenvolvimento do projeto, que visa desenvolver metodologias diferenciadas para as práticas de leitura e escrita.

Para explorar a relação entre o gênero e a prática social, consideramos que o discurso (a semiose) é um dos momentos da prática social. Partindo da descrição analítica realizada anteriormente do processo de construção da mídia jornal escolar (prática de ensino/pedagógica), exploramos os aspectos constitutivos do discurso, segundo as questões propostas por Meurer (2000), a saber: “Como este texto representa a realidade específica a que está relacionado? Que tipo de relações esse texto reflete ou provoca?”. Segundo Meurer (2000, p.162):

[...] enquanto a leitura não crítica procura recuperar o conteúdo ou atribuir um sentido a um texto, a leitura crítica procura compreender o texto como *constituído* a partir de práticas sociais específicas e, ao mesmo tempo, como *constitutivo* de tais práticas. Conseqüentemente a leitura crítica constitui uma via para a emancipação do leitor.

Em relação às concepções iniciais de leituras dos alunos, as enunciações indicam que predomina a de reconstruir o sentido do texto. Na execução das atividades a partir das perguntas escritas, os alunos sempre aguardavam a exposição oral da professora para realizarem o que se solicitava. Com os pesquisadores, essa atitude também ocorreu, visto que não liam o enunciado da atividade a ser desenvolvida, ficando restritos ao texto oral dos professores. Tais práticas escolarizadas de leitura nos remeteram a Borges (2012, p.287-288) que afirma que:

[...] há entre o conceito e a prática, um hiato, resultante, em parte, de uma concepção de leitura ultrapassada que, por vezes, ainda vigora no ambiente escolar, em que se entende que o leitor é aquele capaz de decodificar a escrita, ou de falar em voz alta o texto escrito; em parte, pela opção política que tomamos na formação de nossos professores.

Retomemos os enunciados produzidos pelos alunos durante os encontros iniciais para apreender as crenças e representações da realidade que foram sendo construídas na interação entre eles e os professores mediadores. Uma das crenças que o texto expressa é a de que a realização dos sujeitos no mundo, no caso a construção da subjetividade, é marcada por dificuldades (vide perguntas feitas aos jornalistas), o que, de certa forma, mostra que os alunos incorporaram inconscientemente uma atitude de passividade frente a sua posição de oprimidos (FREIRE, 1984) frente ao “sistema de ensino dominante [que] tende a assegurar-se do monopólio da violência simbólica legítima” (BOURDIEU, 2013, p. 27). Os enunciados deixam

transparecer também que os alunos têm uma forte ligação com a escola e com o bairro, e percebem algumas situações que poderiam ser diferentes, conforme os dados do quadro de assuntos para o jornal. As relações sociais são marcadas pelos papéis de aluno e de professor; mas, apesar de legitimadas pelas práticas disciplinares da escola (horário, uniforme, comportamentos, entre outros), a professora tem como prática dialogar com os alunos e ir estabelecendo decisões para as ações de construção das atividades do jornal de forma conjunta e participativa. Nesse sentido, o papel do educador como mediador relativiza a posição autoritária e de poder inerente à prática da educação bancária para se instaurar o processo de uma educação como prática da liberdade através dos encontros do JE (FREIRE, 1984b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de leitores na escola tem sido uma das questões pesquisadas em diferentes perspectivas teórico-metodológicas. Neste artigo, a leitura é concebida como uma prática social, uma atividade de produção ou construção de sentidos, conforme Chartier (1994;2001) e Foucambert (1994; 1997). Por isso, como os alunos não tinham tido a experiência como leitores de jornais impressos, as atividades iniciais do projeto partiram da prática de leitura dos gêneros do jornal e da esfera jornalística para desenvolver atividades que visassem ao letramento midiático.

A partir da análise da produção dos alunos nos quatro encontros, começam a se delinear alguns encaminhamentos para as próximas atividades na escola. Do ponto de vista de uma pedagogia de leitura, nossa experiência demonstrou o afirmado por Foucambert (1997, p.31): “para aprender a ler, o não leitor deve se relacionar com os textos que leria se soubesse ler, para viver o que vive. O ambiente deve se comportar com o não leitor como se ele já possuísse os saberes que deve adquirir.” Nessa perspectiva, as atividades desenvolvidas pelo projeto de elaboração conjunta entre alunos, professora e pesquisadores mostraram que o jornal, ao promover o uso da língua em situações reais de interação social e partir de experiências pessoais e culturais dos alunos, pode auxiliar o professor no direcionamento do ensino/aprendizagem de linguagem na perspectiva crítica (CANAGARAJAH, 2000; FREIRE, 1987; FREINET, 1974). Em relação aos encaminhamentos futuros para a continuidade do projeto,

combinamos de retornar as atividades no próximo ano letivo, sendo que participaremos das reuniões de planejamento escolar referentes às aulas de Língua Portuguesa com a professora para a inclusão do Projeto do Jornal Escolar como conteúdo de ensino da disciplina de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. [VOLOSHINOV, V. N]. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952/53].p. 261-306.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1952/53].

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

BHATIA, Vijay K. **Worlds of written discourse: a genre-based view**. London; New York: Continuum, 2004.

BONINI, Adair. Análise crítica de gêneros discursivos no contexto das práticas jornalísticas. In: SEIXAS, Lia; PINHEIRO, Najara Ferrari. (Org.). **Gêneros: um diálogo entre comunicação e Linguística Aplicada**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2013. p. 103-120.

_____. Mídia/ suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.

_____. Critical genre analysis and professional practice: the case of public contests to select professors for Brazilian public universities. **Linguagem em (dis)curso**, v. 10, p. 485-510, 2010.

BORGES, Simone Bueno. As múltiplas faces da formação em leitura. In: FIGUEIREDO, Débora de Carvalho; BONINI, Adair; FURLANETTO, Maria Marta; MORITZ, Maria Ester Wollstein (Org.). **Sociedade, cognição e linguagem: apresentações do IX CELSUL**. Florianópolis: Editora Insular, 2012. p. 277-290. 424 p.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean- Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 [1975].

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANAGARAJAH, A. S. Adopting a critical perspective on pedagogy. In: CANAGARAJAH, A. S. **Resisting Linguistic Imperialism in Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

CHARTIER, Roger. Do códex à tela: as trajetórias do escrito. In: _____. **A ordem dos livros**. Brasília: Editora UNB, 1994. p. 95-111.

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, R. (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 77-105.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity**: rethinking Critical Discourse Analysis. Edinbourg: Edinbourg University, 1999.

DEMO, Pedro. **Pesquisa participante**: saber pensar e intervir juntos. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 1999.

FIGUEREDO, Débora. A Análise Crítica do Discurso na sala de aula: uma proposta de aplicação pedagógica. In: CALDAS-COULTHARD, C.; SCLiar-CABRAL, L. (org.). **Desvendando discursos**: conceitos básicos. Florianópolis: EdUFSC, 2008.

FOUCAMBERT, Jean. **A Leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FREINET, C. **O jornal escolar**. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez; Editora Autores Associados, 1994a.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1994b.

_____. **Educação como prática de liberdade**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009 [1967].

GERALDI, João Wanderley. A aula como acontecimento. In: _____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João, 2010a. p. 81-101.

_____. A leitura e suas múltiplas faces. In: _____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João, 2010b. p. 103-112.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**: o conhecimento é um caleidoscópio. 5. ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia; PAULA, Orlando de. As habilidades de leitura avaliadas pelo PISA e pela Prova Brasil: reflexões para subsidiar o trabalho do professor De Língua Portuguesa. **Fórum linguístico**, v. 9, n. 1, p. 34-46, jan./mar. 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEURER, José Luiz. O trabalho de leitura crítica: recompondo representações, relações e identidades sociais. **Ilha do Desterro**, n. 38, p.155-171, jan./jun. 2000.

_____. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas**: subsídios para o ensino da linguagem. Bauru: EDUSC, 2002. p. 17-29.

MOTTA-ROTH, Désirée. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 4. ed. Parábola: São Paulo, 2011 [2005].

_____. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. **DELTA**, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008.

RESENDE, V.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso (para a) Crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes editores, 2011.

_____. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

SOBRAL, A. Interfaces entre Texto, Discurso e Gênero nos Estudos da Linguagem: uma perspectiva bakhtiniana. In: FIGUEREDO, D. C.; BONINI, A. et al (org.). **Sociedade, Cognição e Linguagem** – Apresentações do IX CELCUL. Florianópolis: Insular, 2012.

Tania Maria Barroso Ruiz

Doutoranda em Linguística Aplicada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisa em autoria no jornal escolar na perspectiva teórico-metodológica do Círculo de Bakhtin, na linha de pesquisa Linguagem, discurso, cultura escrita e tecnologia. Integrante do Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada - NELA e do Grupo de Estudos Linguagem e Dialogismo (GELID) na UFSC. Mestre em Linguística de Língua Portuguesa (UFPR), especialista em Educação de Jovens e Adultos e Graduação em Letras- Português (UFPR). Trabalha em cursos de formação continuada de professores.